



Este catálogo se ha editado con el patrocinio de



+x10

Antológica de jóvenes artistas de la Fundación Antonio Gala

Edita:
Fundación Antonio Gala para jóvenes creadores

Comisario de la exposición:
Andrés Peláez

© Fundación Antonio Gala para jóvenes creadores, 2011
© de los textos y las obras, sus respectivos autores.

Depósito Legal: CO-XXX-2011

ISBN: 978-84-939144-1-7

Coordinación:
José María Gala

Diseño y Fotografía:
Braulio Valderas

Impresión:
Gráficas Galan



Antológica de jóvenes artistas de la Fundación Antonio Gala

A arte mais profunda – que não coincide sempre com a mais hermética – é a expressão do que, de outra forma, não se poderia expressar. Alimenta-se do inatingível. A sua prática é inefável. Trata, tateando, de colocar portas para o campo, e de enquadrar o universo. Trata, à força de fortes afagos, de domesticar a Quimera. Toda a arte é o desdobramento de uma dominação. Por um lado, a realidade é composta por uma amálgama menos simples; por outro, o poder em que consiste a arte é um desamparo, já que supõe a iluminação precedida da escuridão. Criar é conseguir que uma faísca atravesse a noite; que um raio rasgue a escuridão da noite. Nesta epifania, a luz emerge da escuridão. E não a contradiz, mas consome-a.

Mas hoje, por sorte, não preciso, nem precisam, de pensar nesses árduos problemas. Apenas gostaria de transmitir quanta alegria sinto em apresentar esta exposição, na qual exponho as telas mais íntimas e queridas do meu coração. Ao vosso redor estão alguns quadros das primeiras nove promoções de pintores da Fundação para jóvenes creadores. São produto de uma seleção, entre muitos outros: inevitável, mas sem dúvida discutível. Junto a estes pintores que hoje, pela primeira vez, são apresentados em conjunto, estiveram outros artistas que escreveram, pintaram também, esculpíram, modelaram, compuseram música... E, acima de tudo, observaram-se mutuamente enquanto criavam. Isso é o mesmo que dizer, conviveram.

Porque essa é a finalidade da Fundação: conviver. E enriquecer e multiplicar com a convivência. Viver numa perpétua fecundação cruzada. A arte é uma forma de amar – especialmente para mim – de conhecer, de acariciar, de nos entregarmos, de aprender, de aprender... Não é um refúgio de nada. Ver a vida de forma artística não é estar cego para ela, mas sim vê-la mais claramente. O artista não vive para se expressar: expressa-se para viver mais e, assim, transmitir mais vida aos outros. Criar não nos conforta de nada, não cura, mas reabre as heridas. É uma nova fenda pela qual, como por um olbo, se há de ver tudo de novo, pela qual, como por uma boca, se há de cantar tudo de novo; pela qual, como com um pincel, se há de pintar tudo de novo... E, no entanto, paradoxalmente, uma arte que não sirva para engrandecer a vida, nem tão pouco será arte: não será nada, nada; a vida tem sempre razão. Não é sagrado o que separa os homens nem o que destrói a fervorosa alegria de viver. Mas, para alguns seres, arte e vida são dois nomes da mesma ansiedade e do mesmo júbilo. Para alguns seres, arte e vida são conceitos idênticos. Apesar da arte nos doer sem remédio na mesmíssima medula dos ossos. Isso acontece aos jovens da Fundação (aos que aqui veem e aos que não veem), cujo lema é um verso do Cantar de cantares, “Põe-me como um sinal sobre o teu coração”.

Antonio Gala

El arte más profundo -que no coincide siempre con el más hermético- es la expresión de lo que, de otro modo, no podría expresarse. Se nutre de lo inasible. Su práctica es inefable. Trata, a tientas, de poner puertas al campo, y de enmarcar el universo. Trata, a fuerza de severos halagos, de domesticar a la Quimera. Todo arte es el despliegue de una dominación. Sin embargo, por una parte, la realidad es de un entreverado menos simple; por otra, el poder en que el arte consiste es un desvalimiento, ya que supone a la vez una iluminación y una tiniebla previa. Crear es conseguir que una centella atravesie la noche; que un rayo rasgue el ancho pecho negro de la noche. En tal epifanía, de donde brota la luz es de la oscuridad. Y no la contradice, sino que la consuma.

Pero hoy, por fortuna, no necesito plantearme ni plantearos esos arduos problemas. Sólo deciros cuánta alegría siento al presentar esta exposición, en la que expongo las más íntimas y queridas entretelas de mi corazón. A vuestro alrededor están algunos cuadros de las nueve primeras promociones de pintores de la *Fundación para jóvenes creadores*. Son producto de una selección, entre muchos otros: inevitable, pero sin duda discutible. Junto a estos pintores que hoy, por primera vez, juntos, se presentan, transcurrieron otros artistas que escribían, pintaban también, esculpían, modelaban, componían música... Y, sobre todo, se miraban unos a otros hacerlo. Es decir, convivían.

Porque este es el fin de la Fundación: convivir. Y enriquecerse y multiplicarse con la convivencia. Habitar en una perpetua fecundación cruzada. El arte es una forma de amar -sobre todo para mí-, de conocer, de entregarte, de acariciar, de aprender, de aprender... No es un refugio frente a nada. Ver la vida artísticamente no es cegarse a ella, sino verla más clara. El artista no vive para expresarse: se expresa para vivir más y, de rechazo, contagiar más vida a los demás. Crear no consuela de nada, no cura, sino reabre las heridas. Es una llaga nueva por la que, como por un ojo, se ha de ver todo de nuevo; por la que, como por una boca, se ha de cantar todo de nuevo; por la que, como con un pincel, se ha de pintar todo de nuevo... Y, sin embargo, paradójicamente, un arte que no sirva para agrandar la vida, ni siquiera será arte: no será nada, nada; la vida tiene siempre razón. No es sagrado lo que separa a los hombres ni lo que destruye el fervoroso goce de vivir. Pero, para algunos seres, arte y vida son dos nombres de la misma ansiedad y el mismo júbilo. Para algunos seres, arte y vida son conceptos idênticos. Aunque el arte les duela sin remedio en la mismísima médula de los huesos.

Eso les sucede a los jóvenes de la Fundación (a los que veis y a los que no veis), cuyo lema es un verso del *Cantar de cantares*: “Ponme como una señal sobre tu corazón”.

Antonio Gala

ARTISTAS PARA CONVIVER NA ARTE

Cinquenta obras de cinquenta pintores que passaram ao longo dos últimos dez anos pela Fundação Antonio Gala para Jovens Creadores integram a primeira de uma série de exposições que estão programadas para os próximos anos, no âmbito do programa Conviver na Arte. A seleção levada a cabo por membros do patronato e da direção da fundação é garantia do rigor que caracteriza esta mostra. Com ela quer-se dar a conhecer as últimas tendências das artes plásticas em todo o território nacional, patentes nas obras dos seus mais jovens artistas. Todos eles tinham à data menos de vinte e cinco anos. E este fator geracional pode até ser o único que partilham enquanto grupo, aparte da sua passagem pela fundação, em Córdoba, já que os seus modos, as suas vivências e os seus métodos diferem tão profundamente quanto a sua formação e as suas influências. Esta mescla traduz-se em variedade e dá lugar a uma expressão multiforme.

Artistas para todas as fronteiras

As relações entre arte e nacionalidade são muito claras e durante um longo período da história ocidental tendeu-se a definir as formas, a expressão e o conteúdo da criação estética segundo os carateres da comunidade nacional a que o artista pertencia.

A exigência romântica, sem esquecer o exagero que, enquanto elemento constitutivo da conceção romântica do mundo, leva tão longe essa ideia que a pintura começou a ganhar contornos de maneirista e anedótica. A nosso ver, este é um caminho que, sem estar esgotado, não deve ser considerado o mais exigente ou o que chega mais longe e confere maior profundidade à criação estética.

A arte não deixou de ser nacional, mas os seus elementos universais evidenciam-se de um modo cada vez mais nítido, contribuindo poderosamente para um abolir das fronteiras. Contribuem para esta transformação o raciocínio sobre o alcance e o sentido da nossa posição no mundo e a comunicação rápida, universal e completa de que gozamos atualmente.

Sucedê assim que a arte oscila entre os elementos comunitários concretos que se integram na nacionalidade e um sentido universal do espírito criador. E, mais do que em qualquer outro espaço, esta transformação torna-se muito visível no contexto da Fundação para Jovens Creadores. Não existe nisto incompatibilidade, mas sim, por vezes, um desequilíbrio que pode ser especialmente empobrecedor se pender para o favorecimento de localismos limitadores.

Na nossa opinião, estes jovens criadores - pintores, escultores, fotógrafos, estampadores, etc. - podem incorrer no anedótico e no maneirista (defendendo as distintas comunidades de que procedem) interpondo entre a sua capacidade criadora e o universal, o obstáculo do imediato. Seria esta uma triste

ARTISTAS PARA CONVIVIREN ELARTE

Cincuenta obras de otros cincuenta pintores que han pasado a lo largo de,los últimos diez años por la Fundación Antonio Gala para JóvenesmCreadores, integran la exposición que inaugura una serie de las que serán programadas para los próximos años dentro del programa “Convivir en el Arte”. La selección llevada a cabo por miembros del Patronato y Dirección de la Fundación es garantía del rigor que preside esta Muestra. Se haquerido con ella dar a conocer las últimas tendencias de las artes plásticas de todo el territorio nacional a través de las obras de sus más jóvenes artistas. Ninguno de ellos superaba entonces los veinticinco años. Y éste puede ser el único dato que los constituye en grupo, además de su paso por la Fundación en Córdoba, el generacional, porque sus modos, sus vivencias, sus formas de hacer difieren tan hondamente como su formación y sus influencias. Y ello se traduce en variedad y en multiforme expresión.

Artistas para todas las fronteras

Las relaciones entre arte y nacionalidad son muy claras y durante un largo periodo de la historia occidental se han tendido a definir las formas, la expresión y el contenido de la creación estética según los caracteres de la comunidad nacional a la que pertenecía el artista.

La exigencia romántica, sin olvidar que la exageración es elemento constituyente de la concepción romántica del mundo lleva tan lejos aquella idea que la pintura tendió a hacerse costumbrista y anecdótica. A nuestro juicio, este es un camino que sin estar agotado no debe considerarse como el más exigente y el que llega más lejos y profundiza más en la creación estética.

El arte no ha dejado de ser nacional, pero sus elementos universales se muestran cada vez de modo más nítido, contribuyendo poderosamente a esta universalización, por una parte, el proceso del raciocinio sobre el alcance y sentido de nuestra posición en el mundo, y de otra, la comunicación rápida, universal y completa de que gozamos actualmente.

Ocurre así que el arte oscila entre los elementos comunitarios concretos que se integran en la nacionalidad y el sentido universal del espíritu creador. Y más que en ningún otro espacio, el que concurre en esta Fundación para Jóvenes Creadores. No existe en esto incompatibilidad, pero sí a veces un desequilibrio que es especialmente limitador o empequeñecedor si cae hacia el lado de los localismos que no trascienden.

consequência no âmbito da cultura vinculada ao processo criador ascendente de todas as nacionalidades que integram, entre outros âmbitos, a Comunidade Europeia.

A nova estrutura da Europa, que evolui no sentido de um pluralismo peculiar, se tiver uma influência positiva sobre o conjunto da imaginação estética dos espanhóis, deverá fazê-lo estabelecendo uma ligação entre o novo acordo e a consciência própria das distintas comunidades, e o conjunto da tradição e do presente artístico espanhol, e ainda com a dimensão universal do que veio a denominarse por estilo Universal Europeu. Cair no contrário seria incorrer num provincianismo sem janelas e sem perspectiva, e esquecer o que a arte renovadora tem provavelmente de mais belo. Sem deixar de ser um ou outro modo de testemunho da cultura de um povo, há de sê-lo também das culturas globais e das possibilidades universais da arte. Estes jovens criadores têm uma grande e, em muitos casos, descomunal batalha para travar, já que têm de vencer a tentação do local enquanto exigência suprema. Em alternativa, devem interessar-se pela prática da arte, de tal modo que a vejam como a tentação de um idioma próprio. E que este idioma tenha uma maneira inequívoca de se expressar através da criação plástica, no âmbito universal e com instrumentos como a pintura ou a escultura, que, de maneira mediata ou imediata sejam universais.

O nosso destino, enquanto parte constituinte desta Comunidade Europeia, coincide cada vez mais com o sentido de expressão do cósmico e, por conseguinte, de um modo muito direto com a expressão do universal.

Andrés Peláez

A nuestro juicio estos jóvenes creadores: pintores, escultores, fotógrafos, estampadores, etc., pueden incurrir en lo anecdótico y costumbrista (defendiendo las distintas comunidades de las que proceden) interponiendo entre su capacidad creadora y lo universal, el obstáculo de lo inmediato. Sería esta una triste consecuencia en el ámbito de la cultura vinculada al ascendente proceso creador de todas nacionalidades que integran, entre otros ámbitos, a la Comunidad Europea.

La nueva estructura de Europa que avanza hacia un peculiar pluralismo, si ha de influir positivamente sobre el conjunto de la imaginación estética de los españoles, debe hacerlo conectando el nuevo asentamiento y conciencia propia propia de las distintas comunidades con el conjunto de la tradición y del presente artístico español y con la dimensión universal de lo que vino a llamarse el estilo Universal Europeo. Caer en lo contrario sería incurrir en un aldeanismo sin ventanas, sin perspectivas y olvidar quizás lo más hermoso del arte renovador que, sin dejar de ser uno u otro modo testimonio la cultura de un pueblo, ha de serlo también de las culturas globales y de las posibilidades universales del arte. Estos jóvenes creadores tienen una grande y en muchos casos descomunal batalla que librar, pues han de vencer la tentación local como suprema y de mayor exigencia e interesarse en la práctica del arte, de tal modo que la vean como la tentación de un idioma propio. Y que este idioma tiene una inequívoca manera de expresarse a través de la creación plástica, en el ámbito universal y con instrumentos que como la pintura o la escultura de manera mediata o inmediata sean universales.

Nuestro destino, en cuanto formamos parte de esta Comunidad Europea, coincide cada vez más con el sentido de expresión de lo cósmico y por consiguiente en modo muy directo con lo universal.

Andrés Peláez

Arte de la tristeza

A mi madre
Y a vos te vi tan triste, vení, volá, sentí
El loco berretín que tengo para vos.
HORACIO FERRER

Cuando el invierno se convierte en un costurero
que remienda desgarros, jirones, cicatrices y sietes
ya no ordeno el tiempo contigo.
Sin embargo, me sigues explicando que la vida,
tu vida,
no siempre respeta el margen izquierdo
y que aún te sacude el frío de un noviembre tirano.

Cuando amanece allí en la isla
yo no estoy ya y dejo de ser.
Y tú buscas en el arte de la tristeza
la convicción de que lo inhóspito
-sin serlo-
también es una forma de vivir.

Aunque resulte extraño
aguardo este duelo de números
que viaja sobre raíles.
Mientras me preguntas que cómo estoy,
que si conservo esa trágica y sensual identidad
más propia del tango que de la vida.

Juan Manuel Gil
Premio Andalucía Joven de Poesía 2003



**PROMOCIÓN
2002-2003**

Fundación Antonio Gala
para jóvenes creadores

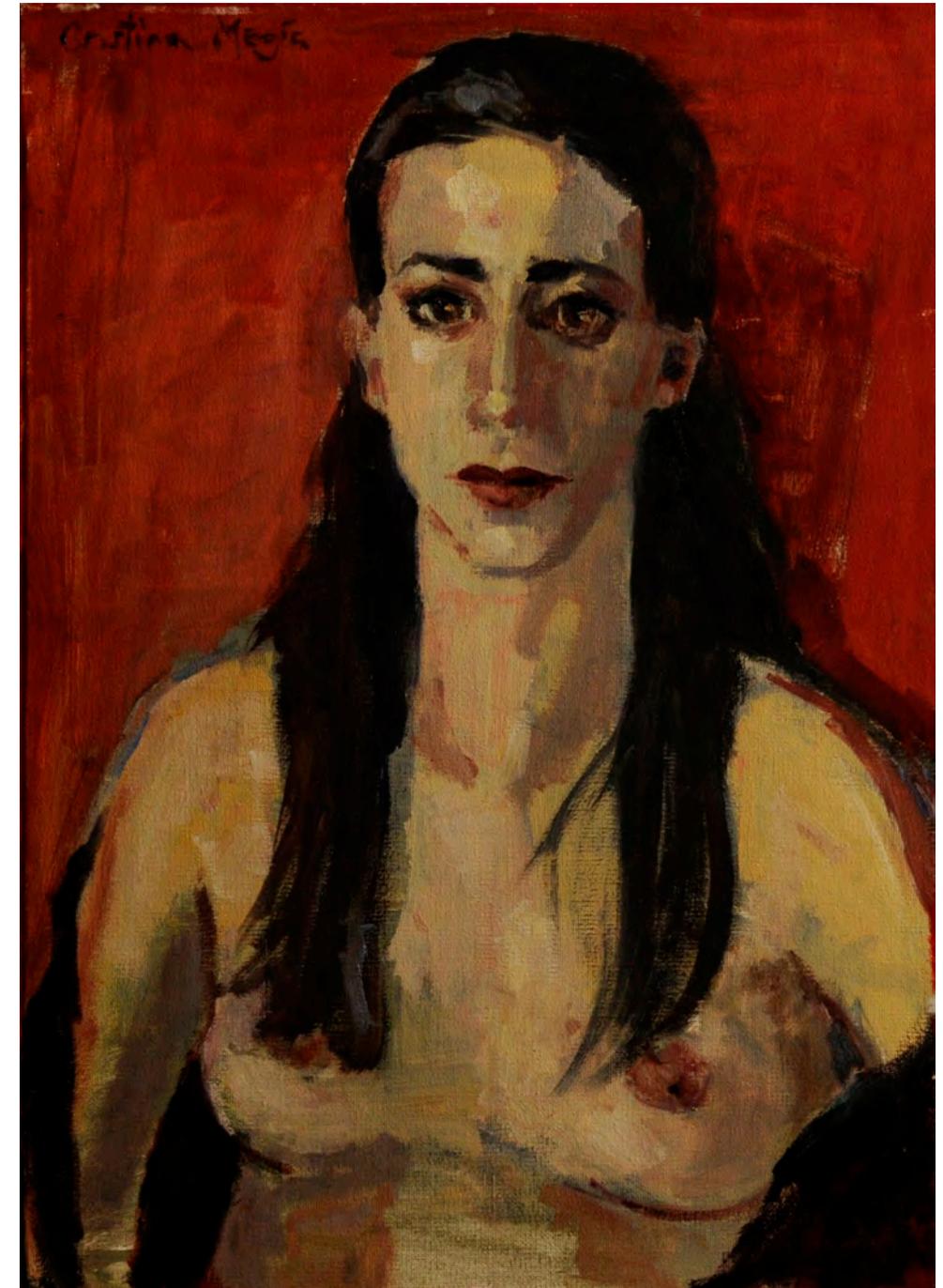
Rocío Cano
S/T
Óleo sobre madera
0,60 x 0,45
2001



Claudia P. Catalán
Paisaje rojo imitado
Acrílico sobre lienzo
0,81 x 1,00
2003



Cristina Megía
Teresa sobre rojo
Óleo sobre lienzo
0,46 x 0,33
2003



Ramón David Morales
Jarrón de barro en el barro
Acrílico lienzo
1,46 x 1,14
2011



Hetaira

Hay un semáforo en azul, es cierto,
nunca llegué a creerlo, pero ahora...:
una luz sulfurosa, febril, como de espectro.

Detengo mi vehículo, no sé por qué, ni cómo.
Alguien se acerca, lenta, tristemente se acerca
fingiendo primaveras

(he visto como entraba
en una de esas casas de mujeres sin nombre),
desabrocha su pecho junto a la ventanilla
y un corazón quebrado me salpica de sangre.
(Evoco la ventura de Aspasia, de Friné...)

No la deseo, no, pero quisiera
hacerlo e invitarla a que pasara,
seducirla y besarla hasta secar sus lágrimas,
luego pagarle el tiempo que ha gastado conmigo.

(Ella piensa que el llanto fulgura en las mejillas,
no imagina siquiera que yo pudiera verlo
caer por su faringe,
descender el esófago.)

Sibilina, se aleja muy lenta, tristemente
y atraviesa el invierno hasta la sombra.
Nunca llegué a creerlo, un semáforo azul...

Javier Vela
Premio Adonais de Poesía 2003

No despiertes

Triste, cansada. Amor, no despiertes.
Los amantes se mueren de deseo
ante el espejo de la luna. Pero
como una estrella con el cuello roto,
sigues inmóvil, esperas la nada
que acecha a los templos abandonados.
Blando el aliento, pozos agotados
tus párpados, tu cabeza es una lira
cuyo acorde desciende entre la niebla.
Con un brazo extendido en mi pecho,
rama vencida por la noche que huye.
No oigas, amor, el rumor del cielo,
porque nos costará la vida. Sueña
con no hallar nunca la orilla del sueño.
Porque yo sé que no es más que una tregua
mientras el tiempo nos finge olvidar.
No te apartes de mí. Amargo el alba.

José Martínez Ros
Premio Adonais de Poesía 2004



**PROMOCIÓN
2003-2004**

Fundación Antonio Gala
para jóvenes creadores

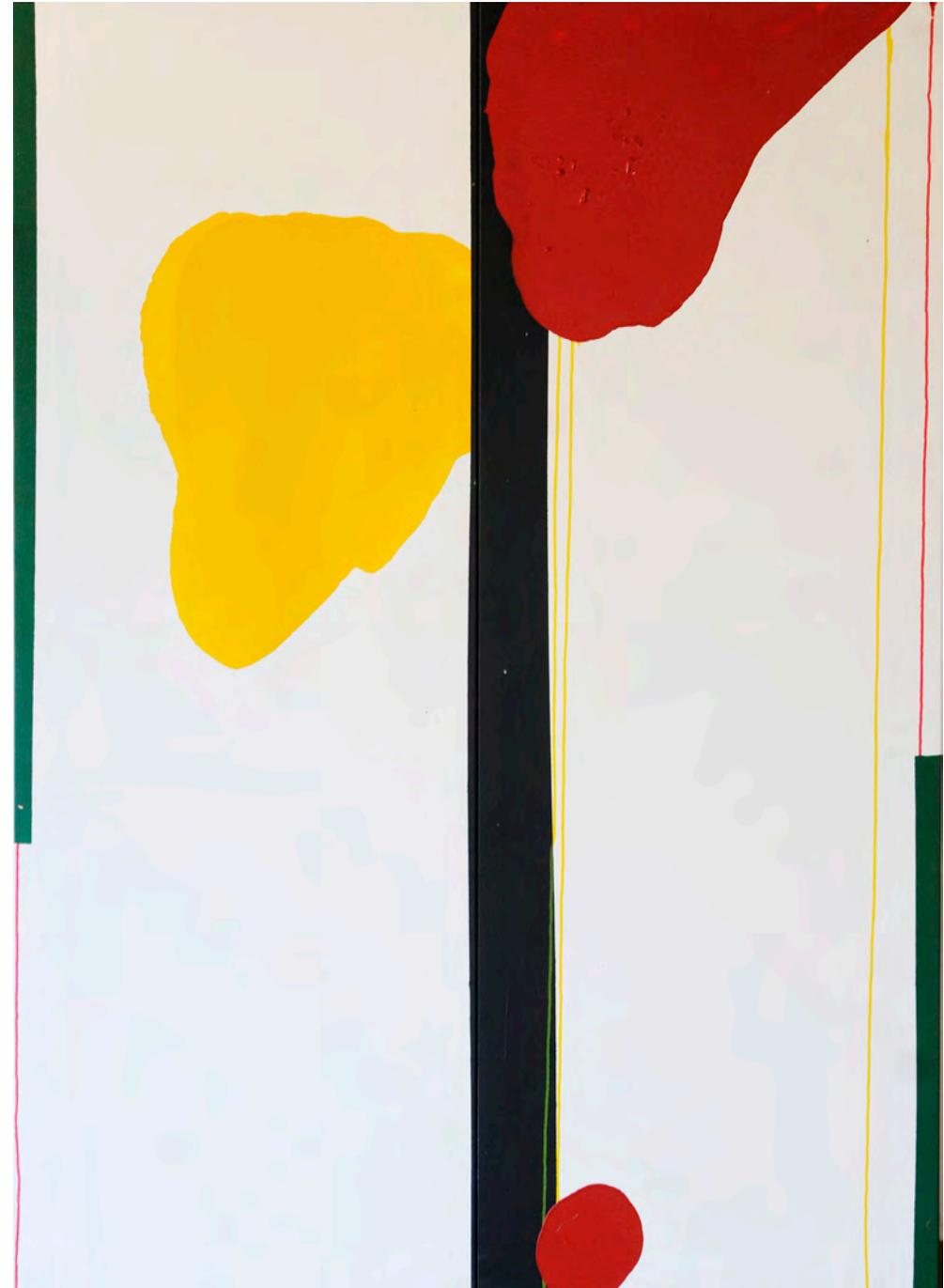
Irma Álvarez-Laviada García

S/T

Técnica mixta sobre tela

1,95 x 1,40

2003



Maku
Escultura "I"
Bronce
0,31 x 0,22 x 15
2004



Paco Montañés
Akemi I
Carbón prensado sobre papel
0,20 de diámetro
2004



Jesús Manuel Rubio Merino
Los caprichos
Fotografía sobre papel varitado y marco de madera
0,30 x 0,40
2004



Torregar
S/T
Óleo sobre madera
1,50 x 1,50
2003



Silueta azul

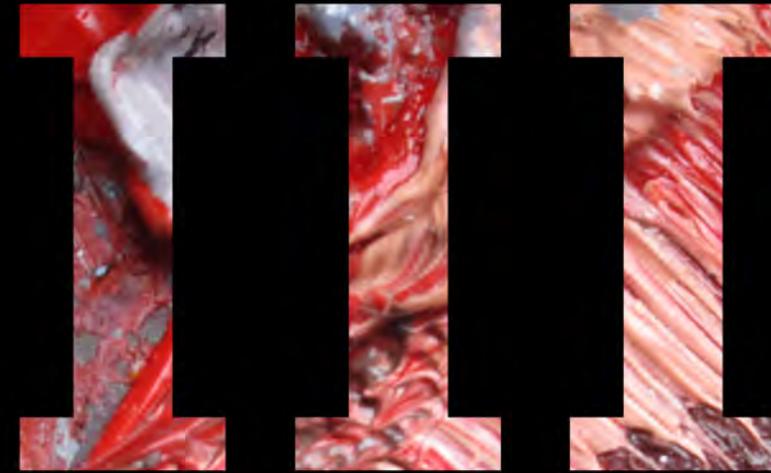
No alejarme de ti, tenerte cerca,
esta es mi religión, no mi costumbre.

Saber que estás tan sólo a un paso breve,
que alcanzarte es posible entre esta noche
de ofuscado velamen.
Es posible.
Tan sólo necesito esa certeza.

Y aunque fuera mentira, y aunque fuera
esta seguridad un espejismo,
tendría el mar la misma esquizofrenia
y yo, con tu visión,
el mismo rumbo.

Ben Clark

XXI Premio Hiperión de poesía con Los hijos de los hijos de la ira.



**PROMOCIÓN
2004-2005**

Fundación Antonio Gala
para jóvenes creadores

Álvaro Díaz Palacios
S/T
Óleo sobre tabla
1,22 x 1,50
2004



Juan Carlos Martínez
Desde mi casa veo tu isla
Mixta sobre tu madera
2,00 x 2,00
2005



Guillermo Mora Pérez
Saturno y los hijos de otros
Óleo acrílico sobre lienzo
1,80 x 1,80
2005



Miguel Ángel Moreno Carretero

Domingo II

Técnica mixta sobre tela

1,50 x 1,50

2005



Sara Murado Arias

Sintra I

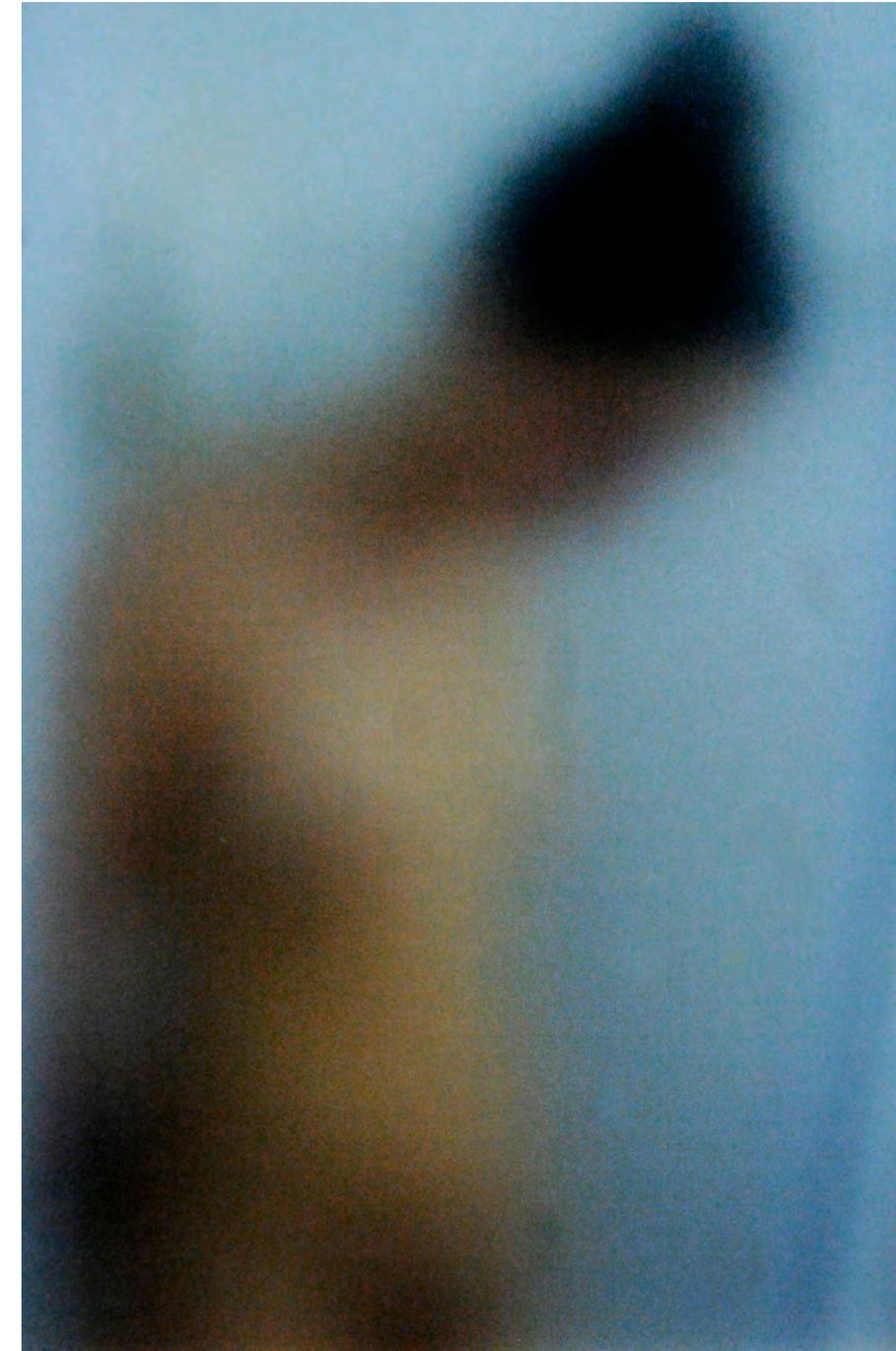
Óleo sobre tabla

1,51 x 1,66

2005



Juan Ude
El baño de Susana
Fotografía en papel RC sobre aluminio
0,50 x 0,33
2005



Los recuerdos

En el interior de la casa hay un patio con una fuente en el medio. El patio es rectangular. Sin embargo, en la mirada de la mujer tiene forma de círculo –aunque el lugar es el mismo, la mujer lo percibe como una sucesión de momentos-. La mujer da una vuelta alrededor de la fuente y se encuentra con una niña que trepa por una enredadera que conduce a la infancia. La mujer llama a la niña y ésta, después de mirarla con sus mismos ojos, desaparece por el tejado. La mujer, sorprendida por el suceso, decide dar otra vuelta alrededor de la fuente. Esta vez no aparece nadie. Pero unos versos se le agolpan en la boca. La sensación de pérdida levanta los adoquines y humedece la cal de las paredes. La mujer quiere huir de ese recuerdo y da una tercera vuelta. La frescura del aljibe despliega en el balcón un mapa con un camino trazado. Antes de que la mujer logre memorizar la ruta, el mapa desaparece. Los recuerdos están colgados en unas perchas que salen del techo. Parece un tendedero de pescado. La mujer cierra los ojos y siente el patio como es: rectangular, con el empedrado, los tiestos colgados de las ventanas, los cántaros y los tres escalones irregulares que dan a la cocina. La mujer se duerme dentro del murmullo del agua. Y sueña con una niña que tiene sus mismos rasgos. La mujer comienza a trepar por la enredadera detrás de la niña.

Ángela Álvarez

Finalista del Premio Adonais de Poesía 2007 y 2010

Sabbath

El sábado a la tarde voy al fado,
casi como un ritual, toda de negro,
con el chal que enredabas en tus dedos
como una de esas redes de pescar.

Quizá en Toledo mis antepasados
se dirigieran a la sinagoga
el sábado por la tarde. Guardo de ellos
mi condición errante y la tristeza
que me acompaña por la judería
y me impide llegar hasta Belém
a bordo de un tranvía chirriante.

Verónica Aranda

Accésit del Premio Adonais de Poesía 2009



PROMOCIÓN
2005-2006

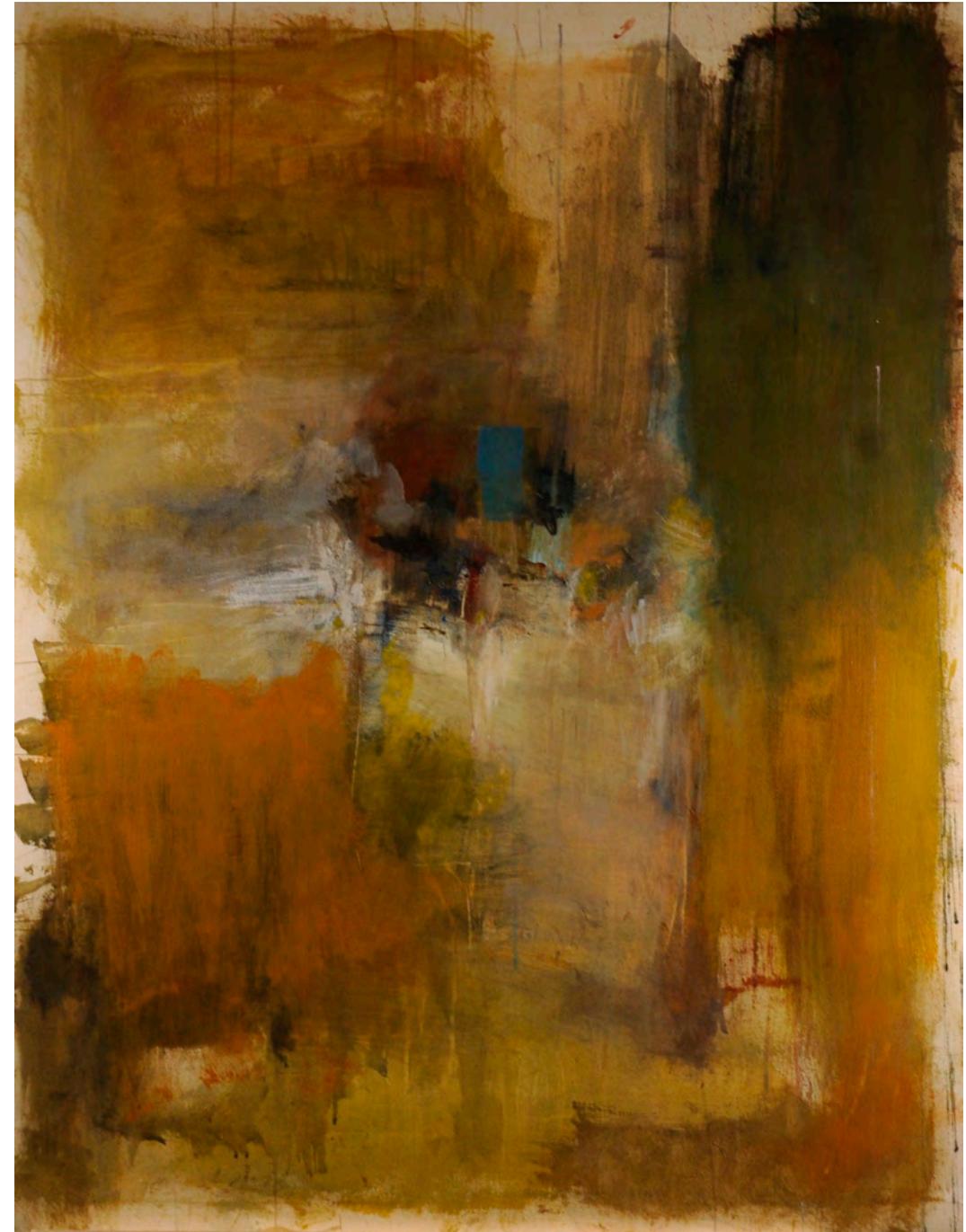
Helena Basagañas

S/T

Acrílico sobre tela

1,46 x 1,14

2006



Francisco Buena vida

Autorretrato

Óleo y acrílico sobre tela

1,00 x 1,00

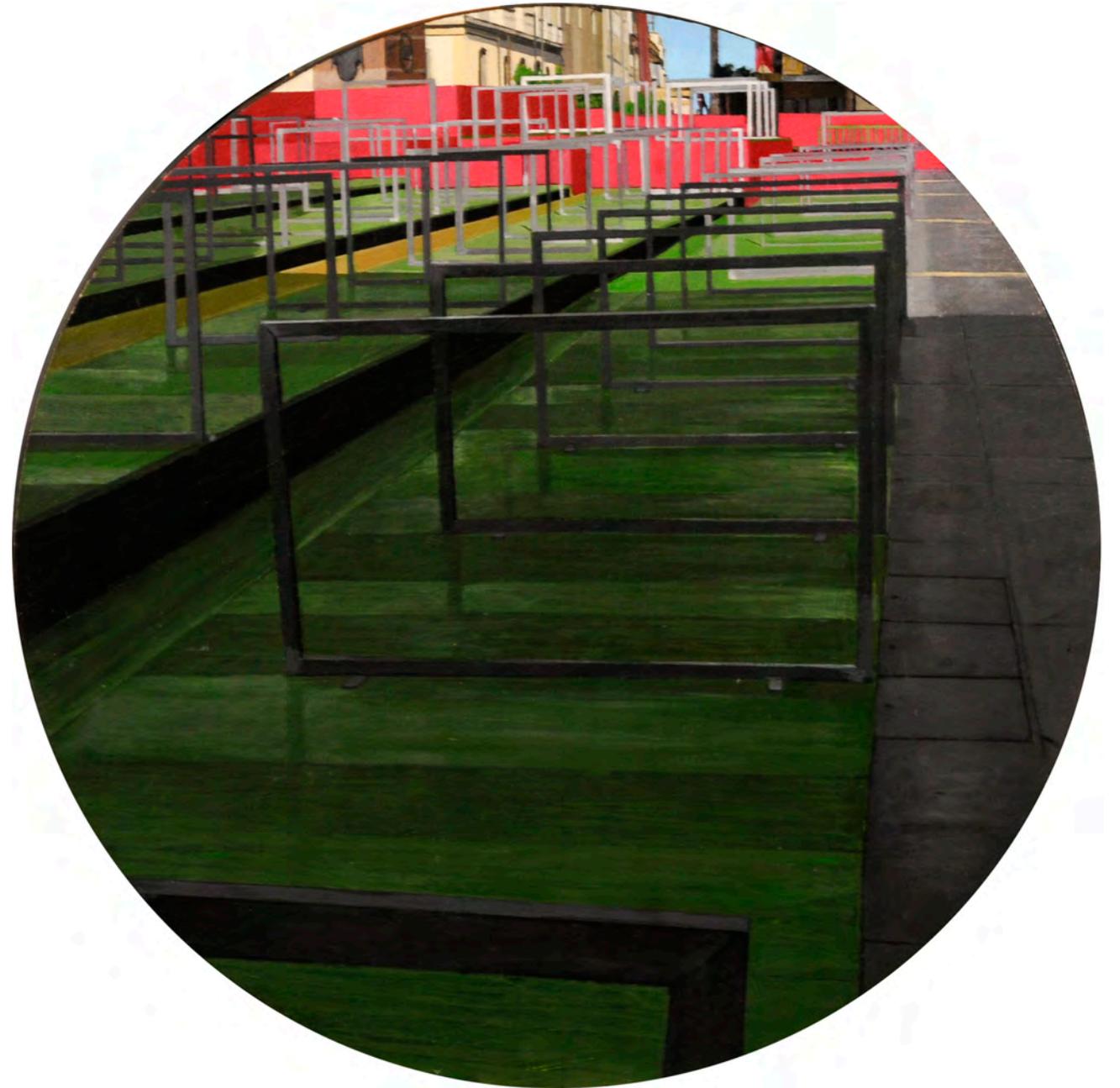
2006



Gloria Martín
Currículo oculto 2
Acrílico sobre lino
1,00 x 1,00
2005



David Martínez Calderón
Cuadrículados
Acrílico sobre tabla
0,40 de diámetro
2005



Alberto Meseguer
Pisadas
Escultura en alabastro
0,60 x 0,40 x 0,18
2006



Rubén Rodrigo
Ensoñación cordobesa
Óleo sobre lino
1,95 x 1,63
2006



Tras mis pupilas

Antes de todo esto, yo te buscaba. Puede que no supiera exactamente dónde ni a quién. Puede que no conociera tus manías, ni tu lenguaje, ni cómo sería mi nombre en tu boca, pero yo sé que te buscaba. Te imaginé de mil formas. Aprendí a verte en muchos rostros y te hice. Te fui haciendo en tantos días que te volviste familiar como una costumbre. No eran grandes cosas las que suponía sobre ti. Mi complacencia estaba en los detalles: tu forma de llamar a la puerta, tu voz tal y como sonaría al despertar, tus miradas. A veces yo mismo me buscaba en los cristales para ponerle otra cara al reflejo de mis ojos, para verte a ti tras mis pupilas.

Así tu presencia fue haciéndose más nítida entre mis cosas y empecé a presentirte. Soñaba contigo, y cada sueño era como un anticipo de tu cuerpo. Ya no dudaba de que vendrías, sólo de qué forma y cuándo. Por eso seguí buscándote, seguro de que tú también me buscabas, convencido de que compartías mi espera, de que tú y yo, reconócelo, éramos dos ciegos que se tenían delante y que habrían de tocarse algún día.

Y esperé. Esperé. Poco a poco fui aplazando tu llegada. Me acostumbré a justificar tu ausencia, pero tu ausencia se me volvió exceso de aire en los pulmones. Me acostumbré a no adivinarte en otros rostros. Me acostumbré a las veces que no estabas, a verme a mí en los espejos. Fue así como dejé de buscar y ya sólo supe esperarte. Ahora ya no imagino tus detalles. Ahora ya no te persigo ni te hago. Ahora, lo reconozco, sólo soy yo tras mis pupilas.

Antonio J. Gómez Cruz



**PROMOCIÓN
2006-2007**

Fundación Antonio Gala
para jóvenes creadores

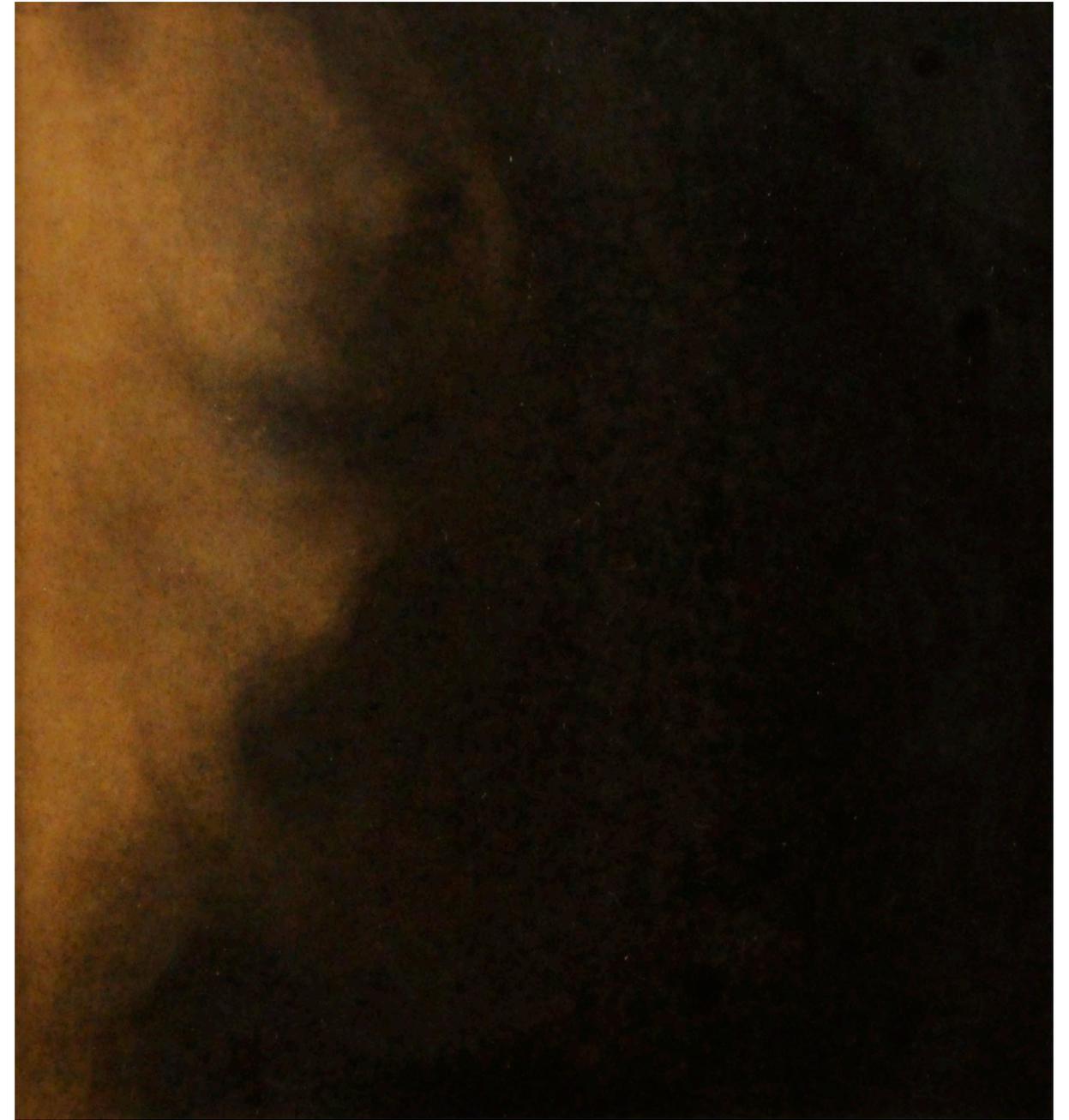
Adelaida Campaña Ortega

Torso I

Grafito

0,33 x 0,31

2007



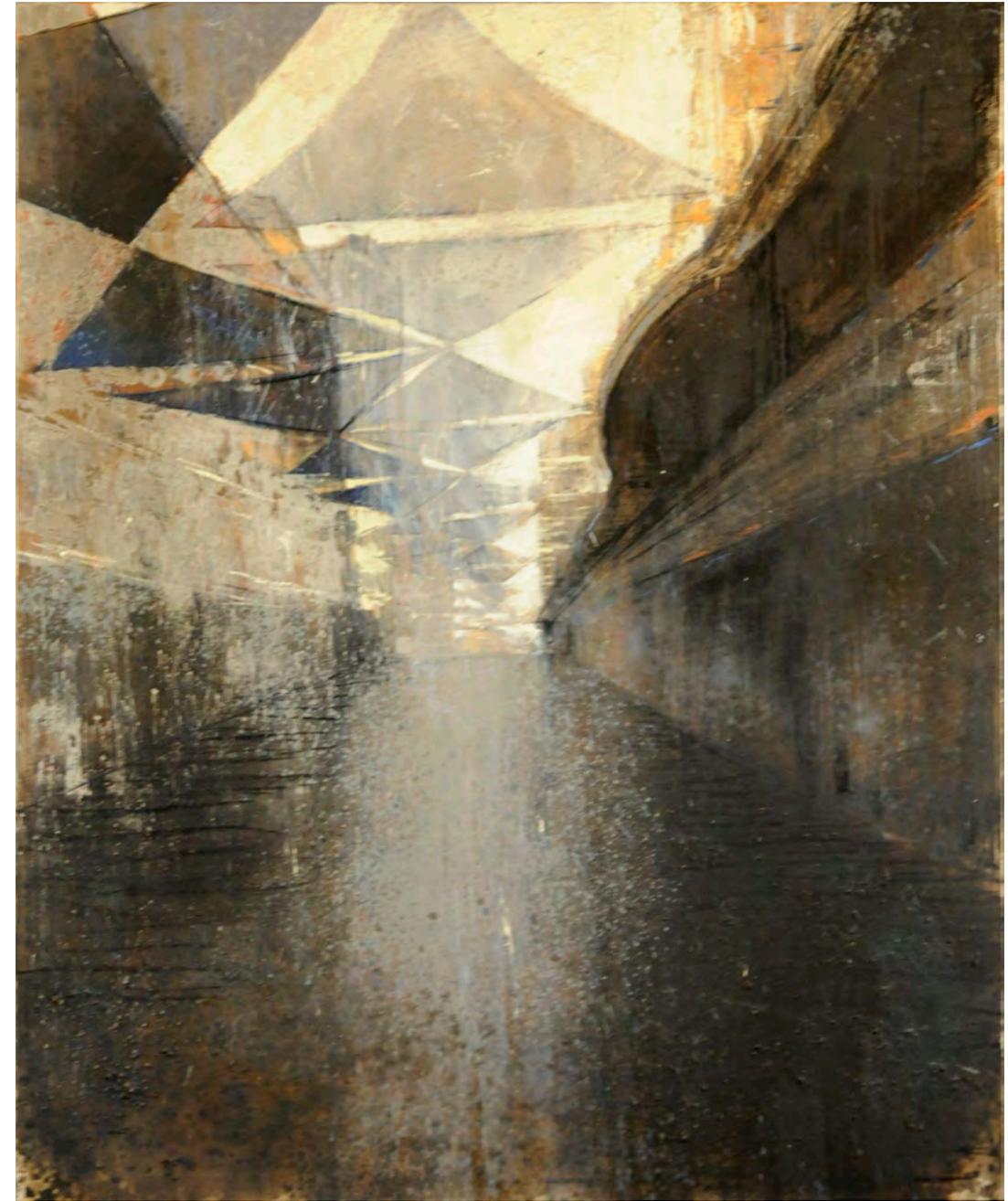
Belén Cobaleda García-Bernalt

Calle Preciados

Acrílico y óleo sobre lienzo

1,95 x 1,62

2006



Luis Erick Miraval Gómez

Detrás de los ojos

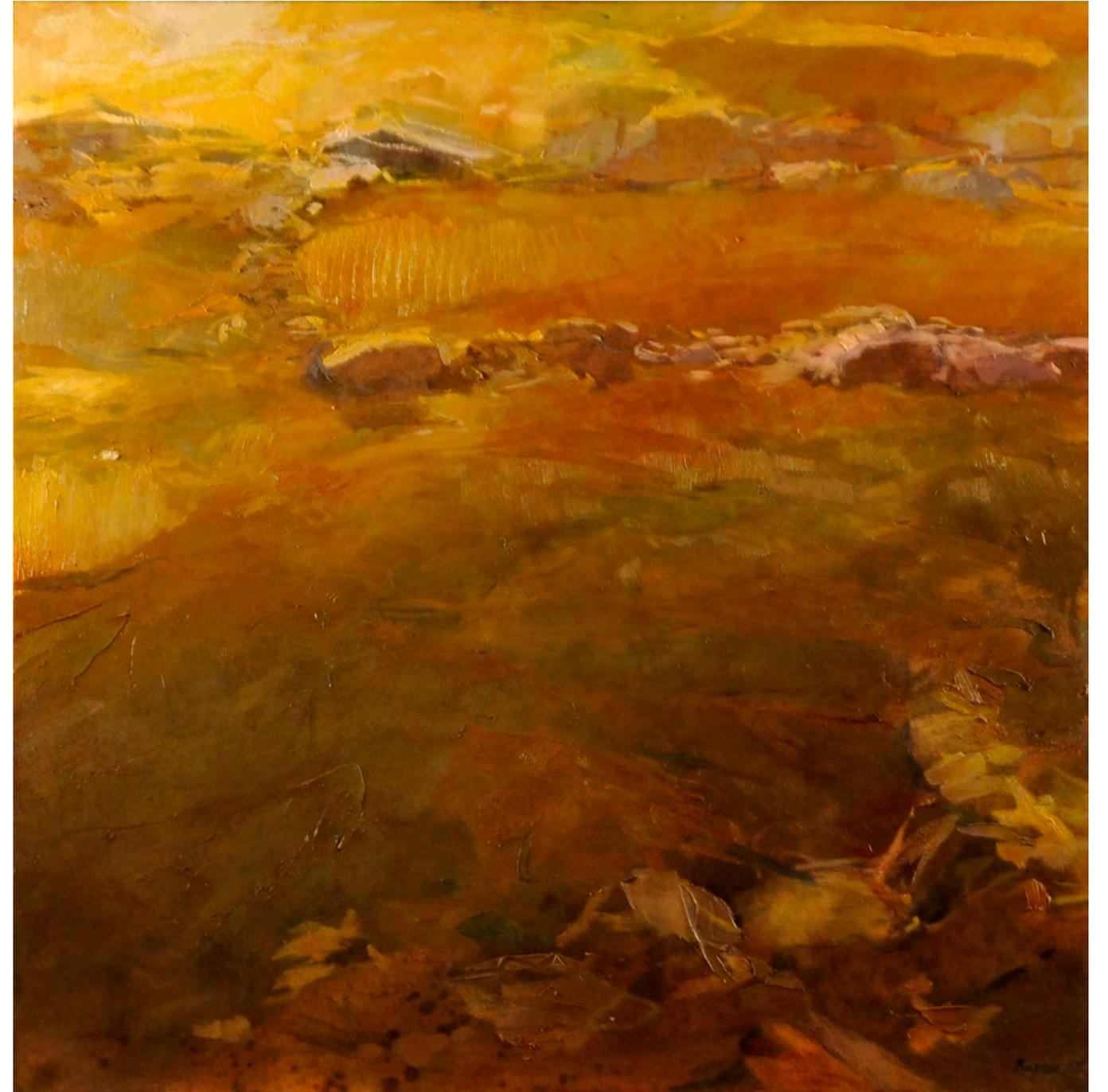
Acrílico sobre lienzo

2,00 x 2,00

2006



Ángel Raposo González
Rompimiento de historia
Técnica mixta sobre lienzo
1,00 x 1,00
2007



Raúl Valero Barrios

Nieve V

Óleo sobre lienzo

1,80 x 1,80

2007



Esther Villaescusa Alonso

Estudio de la inocencia II

Acrílico sobre tabla

1,59 x 1,02

2007



De *Días rotos*

Me estudio en el espejo: el cabello en retirada, la nariz cada vez más tosca y retorcida, la espalda curvándose como preguntando –esqueleto ignorante-. Cada vez más feo y decrepito, más pobre en imagen; más dichoso. Según se arruina mi cuerpo, cuanto más insignificante es mi apariencia, más crecido siento el goce de existir. Para confundirme con la realidad que pasa he de desnudarme por completo, ser la nada visible y el todo emocionado. El tiempo da sabiduría porque nos despoje de la forma. Me estudio en el espejo y admiro esta sabiduría del sentir, del repudiar cualquier molde. No se trata de vivir a ciegas, negando la realidad; se trata de vivir con otros ojos, los que ven más allá del espejo.

Javier Vicedo

Premio de Poesía Joven de Radio Nacional de España

Anónimo

Digo tu nombre. Tienes nombre
de ausente.

En él no estás, estás aquí.

Toco tu espalda y formo parte
de tu conducta.
No eres un vello que se eriza.

Tienes nombres. Aspiro
partes de ti que no respiran nunca.
Pronuncio nombres
compuestos solo por mi asfixia. Digo
tu nombre, y es
casi una grieta del lenguaje.

Sumerjo mi extravío en tu extrañeza.
Tenemos que domar
los labios

para la despedida,
para el ya.

Para alejarme, digo
tu nombre.

David Leo García

XXI Premio Hiperión de poesía con Urbi et orbi



**PROMOCIÓN
2007-2008**

Fundación Antonio Gala
para jóvenes creadores

Marta Cuezva
Peligrosa noche cordobesa
Acrílico y óleo sobre lienzo
1,00 x 1,00
2008



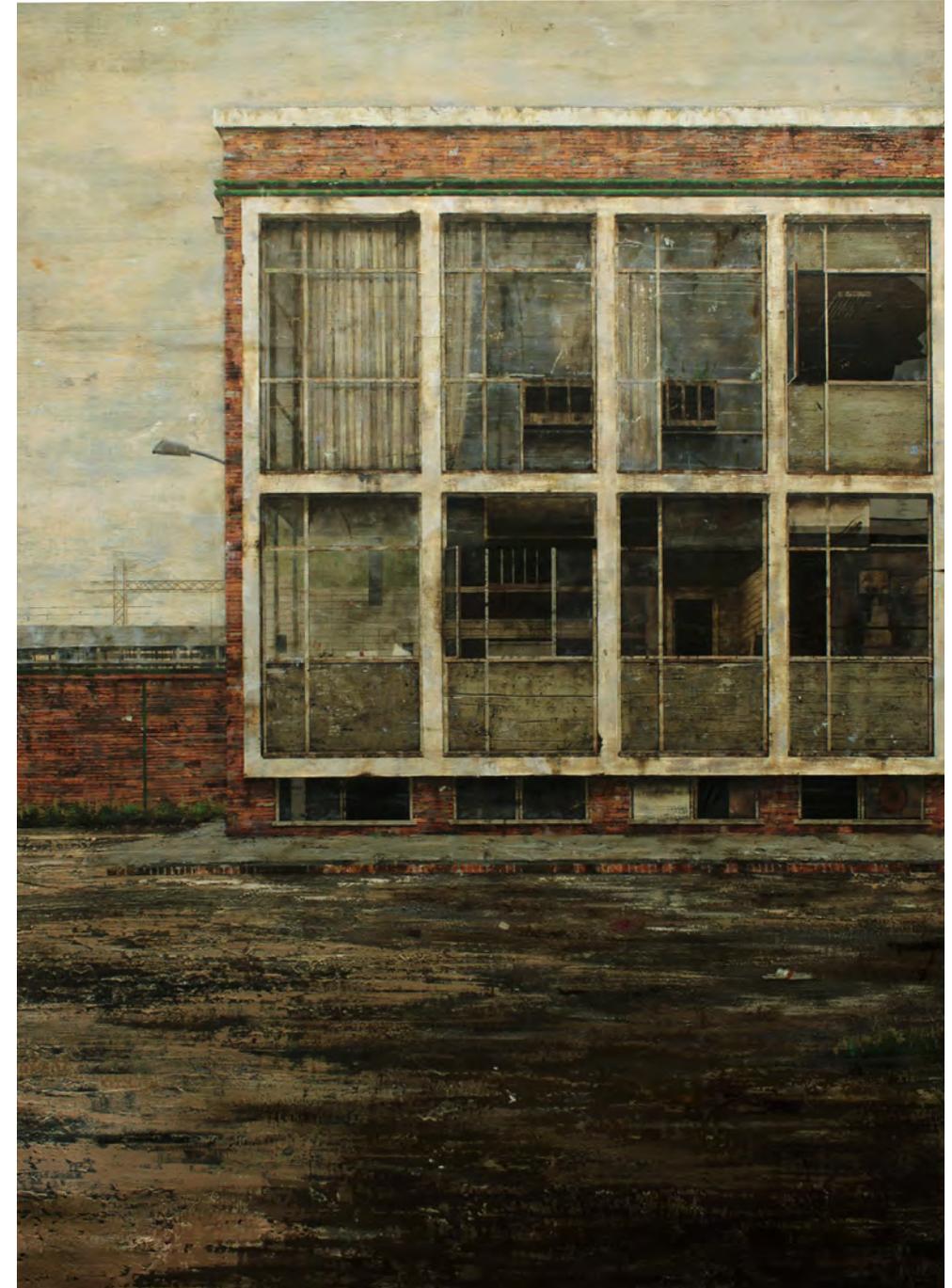
Gorka García Herrera

Metacal IV

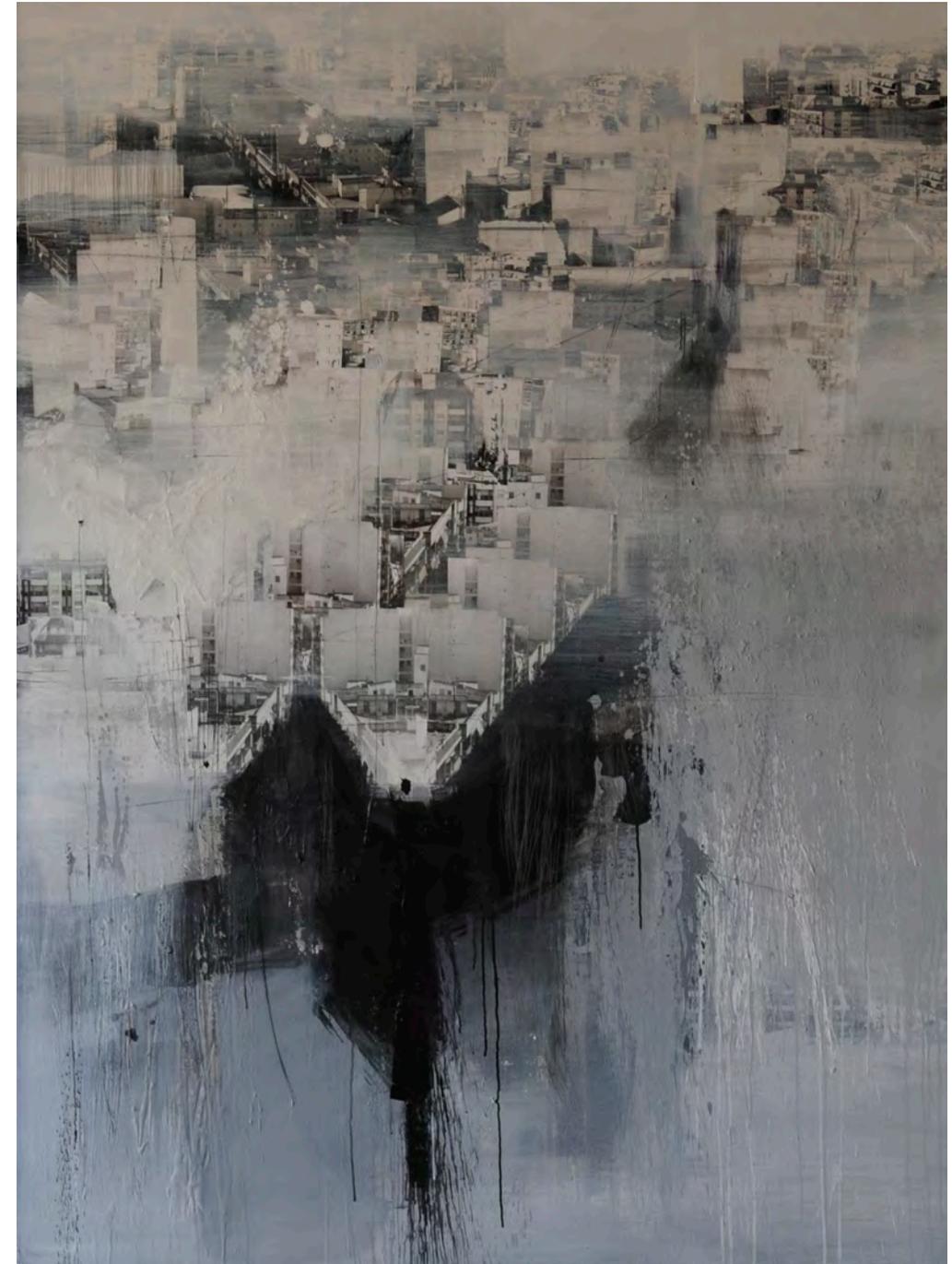
Óleo sobre tabla

1,40 x 1,00

2008



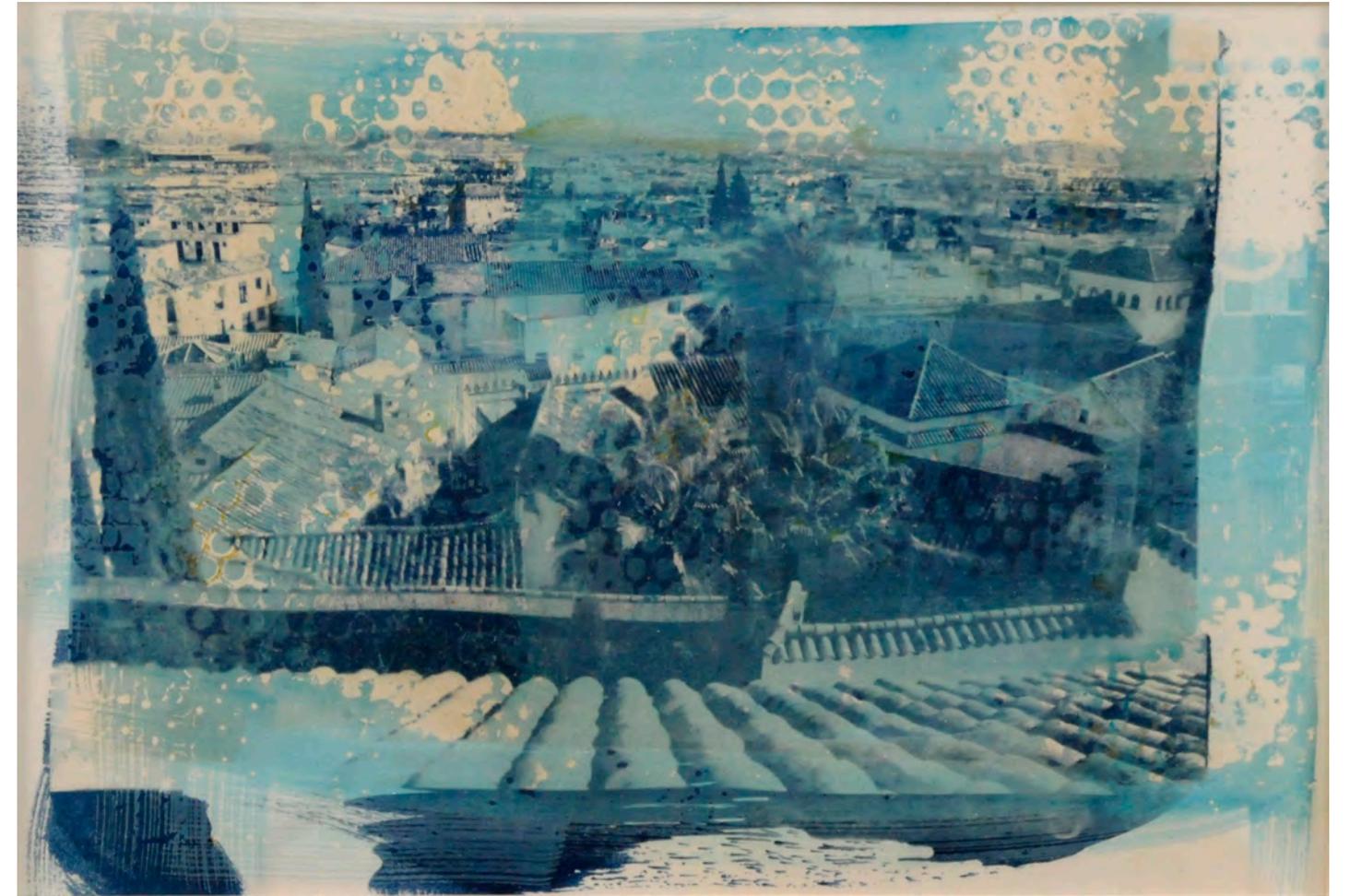
Verónica López Capel
En construcción
Acrílico, óleo y papel sobre tela
1,96 x 1,45
2008



Domingo Martínez
Instantes rasgados
Técnica mixta sobre transferencia, acrílico y barniz sobre tabla
0,95 x 1,30
2008



Paloma Montes
Mirador
Técnica mixta, cianotipia y goma bicromatada sobre papel
0,21 x 0,32
2008



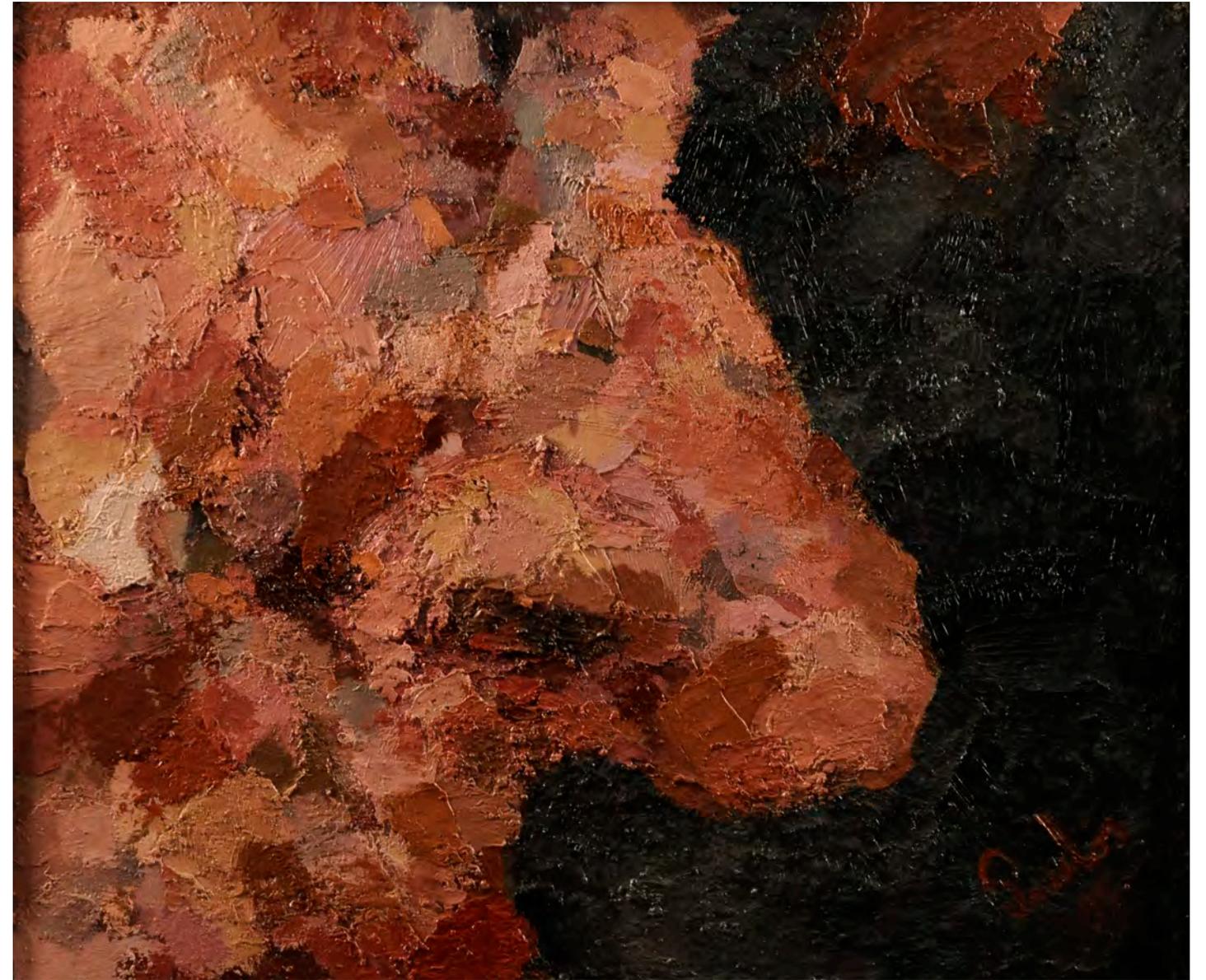
Santiago Paulós

Payaso 2

Óleo sobre tela

0,54 x 0,65

2008



David Villalba
La piel del tiempo
Óleo sobre tela
0,50 x 0,50
2008



Hijos del desierto

Miralles se despertó gritando. Cogió el arma que estaba sobre la mesilla al lado de su cama y apuntó a la puerta de la habitación. Su cuerpo estaba empapado de sudor. Respiraba aceleradamente. Podría decirse que su sobresalto era tan grave que los mismos ojos iban a estallarle. Y sus manos, esas manos curtidas por la muerte y el dolor ajeno, no dejaban de asirse a la Colt Government que lo acompañaba para todas partes desde que se hizo sicario de la compañía que ahora dirigía.

“¿otra vez ese sueño, cariño?”

Miralles escuchó la voz de Sonia como el canto dulce de una sirena en las profundidades del mar.

“vamos, baja ese arma que me pones nerviosa. Bájala”

Sonia puso sus delgadas manos sobre las de Miralles. Le obligó afectuosamente a colocar la Colt en su sitio. Le limpió el sudor que escurría de su cara. Lo acomodó en la cama como a un viejo que ha perdido la noción de espacio y lo besó en la frente.

“esta vez fue más real. Sentí cómo la bala penetraba mi pecho... cómo me desangraba”, dijo Miralles tocándose los pectorales.

“otras veces también sientes eso. Tranquilo, amor, sólo es un sueño”

“no, el olor a pólvora y sangre fue más...”

“amor, no tienes que ponerte así, volvamos a dormir”

Miralles hizo a un lado a Sonia. Se sentó en el filo de la cama. Intentó poner su mente en claro. Era el momento de cortar desde la raíz la amenaza que lo había estado acechando todas las noches. Cinco años había vivido soportando ese sueño. Cinco años habían pasado desde el día que tuvo que matar a Jiménez para poder hacerse de la compañía. Se llevó las manos a su pelo canoso, a sus pómulos y mejillas rugosas. Antes pensaba que el primer castigo por haber matado a Jiménez era la vejez prematura y la pérdida de sus cualidades que otros le envidiaban: una cabeza y un corazón helado a la hora de fraguar los planes; un cinismo puro que no daba lugar a los cargos de conciencias; y una mano certera en el momento de jalar el gatillo o dar una orden. Se sentía turbado. La muerte, la culpa y la venganza se le revolvieron en la cabeza. Una y otra vez se le vino la noche en que mató a Jiménez. El lugar, la manera cómo lo hizo y las últimas palabras que salieron de la boca de su enemigo antes de desangrarse. ¿Jiménez fue su enemigo?, se preguntó. No, nunca lo fue. Juntos habían construido la compañía, la hicieron crecer. Juntos crearon la conexión con los USA y Colombia para traficar drogas. ¿Por qué se dieron así las cosas, entonces? ¿Por qué lo mató? Miralles no tenía que forzar su memoria, lo sabía muy bien. Pero las respuestas se las guardaba para sí. Había aprendido a vivir con ellas y no pensaba confiárselas a alguien más. ¿Por qué? Porque era un ciudadano de un país donde el anhelo de estar por encima de los demás te obliga a asesinar hasta a los de tu misma sangre.

Joel Flores

Beca del Fondo Nacional para Jóvenes Creadores (FONCA 2006-2007) de México



**PROMOCIÓN
2008-2009**

Fundación Antonio Gala
para jóvenes creadores

Julen Araluce
S/T
Óleo sobre tela
1,95 x 1,46
2009



María Mesa Sánchez
Territorios 8
Técnica mixta sobre lienzo
0,55 x 0,55
2009



Ana Moya
Aurora
Técnica mixta sobre tabla (políptico 6)
0,50 x 0,50
2009



Cesár Orrico Méndez

Knossos

Bronce, hierro y madera

1,00 x 0,40 x 0,40

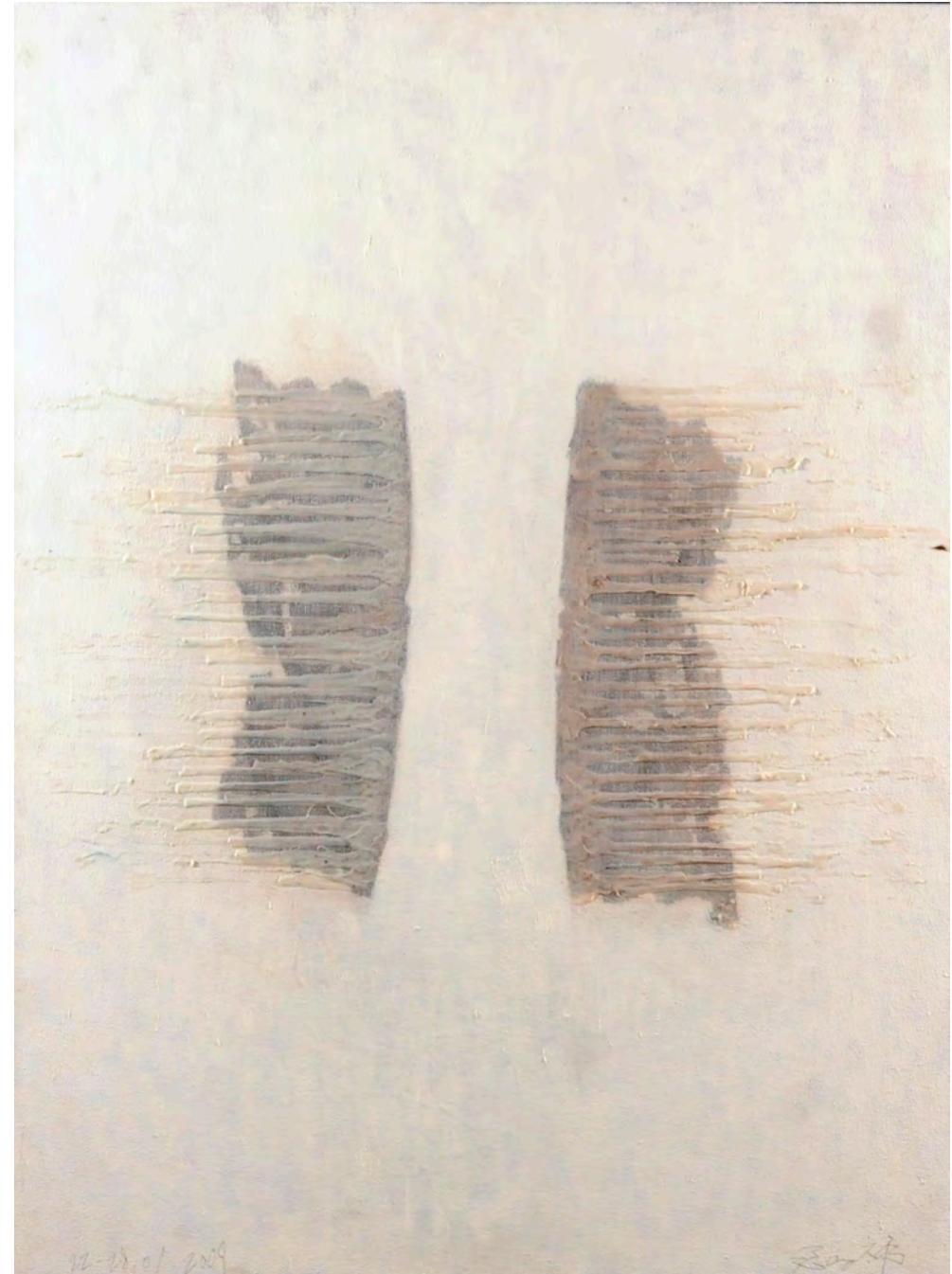
2009



Gema Rupérez Alonso
El Alción
Técnica mixta sobre tela
0,70 x 0,70
2009



Taro Tokuyama
Presencia IV
Técnica mixta sobre papel
0,45 x 0,48
2009



Pablo Vara
Plaza Rius y Taulet
Fotografía positivada sobre papel RC perla Ilford
0,47 x 0,69
2009



Ildelfonso Cecilia
Pintura setenta y dos
Acrílico sobre lienzo
1,00 x 1,00
2010



Francisco Cuéllar Santiago
El último suspiro
Fotografía de emulsión ortocromática
0,70 x 0,50
2010



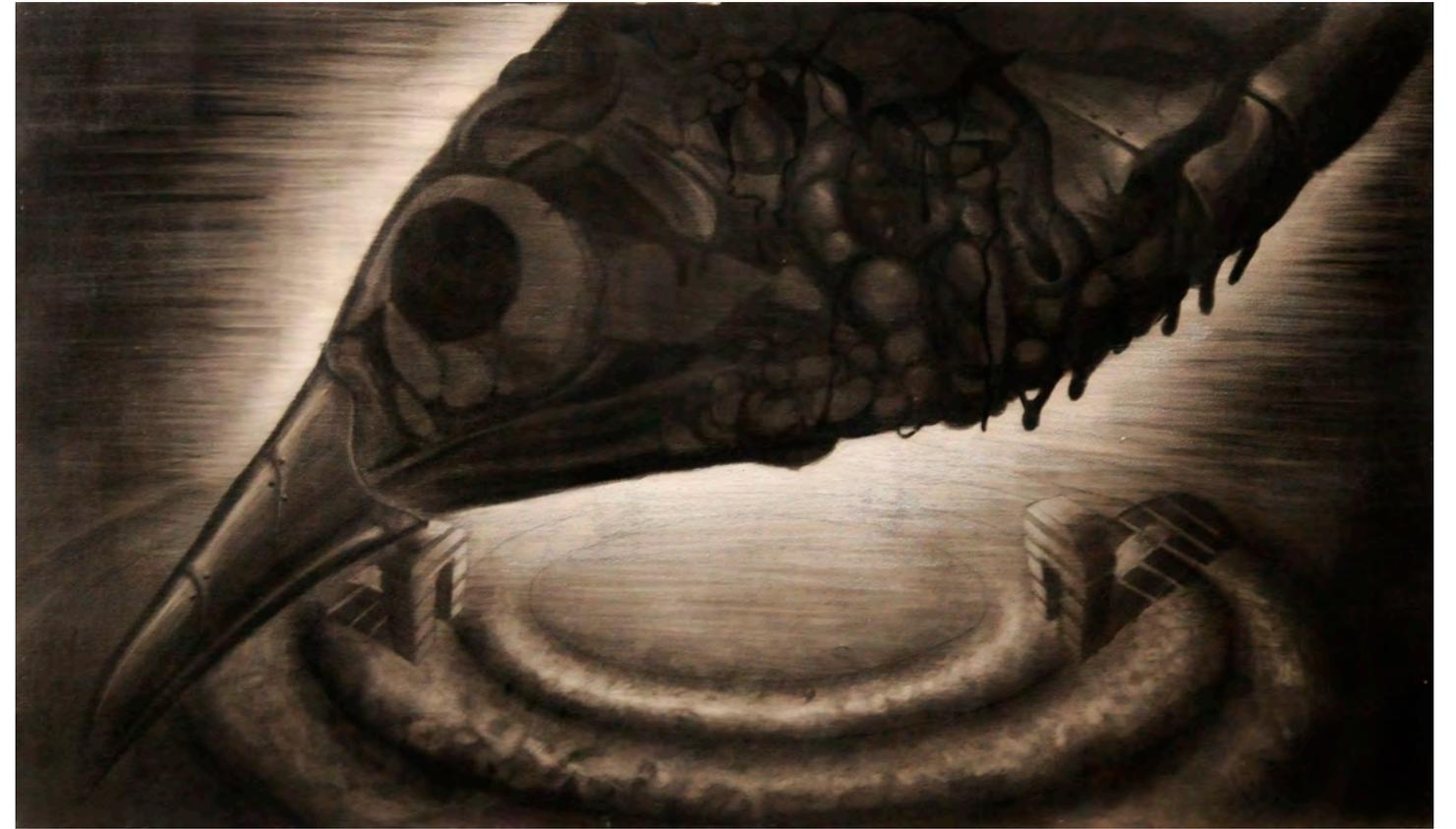
Helí García
Retrato ecuestre II
Técnica mixta sobre tabla
2,00 x 1,83
2010



Rocío Gilabert
Búho real
Acrílico sobre lienzo
1,00 x 1,60
2010



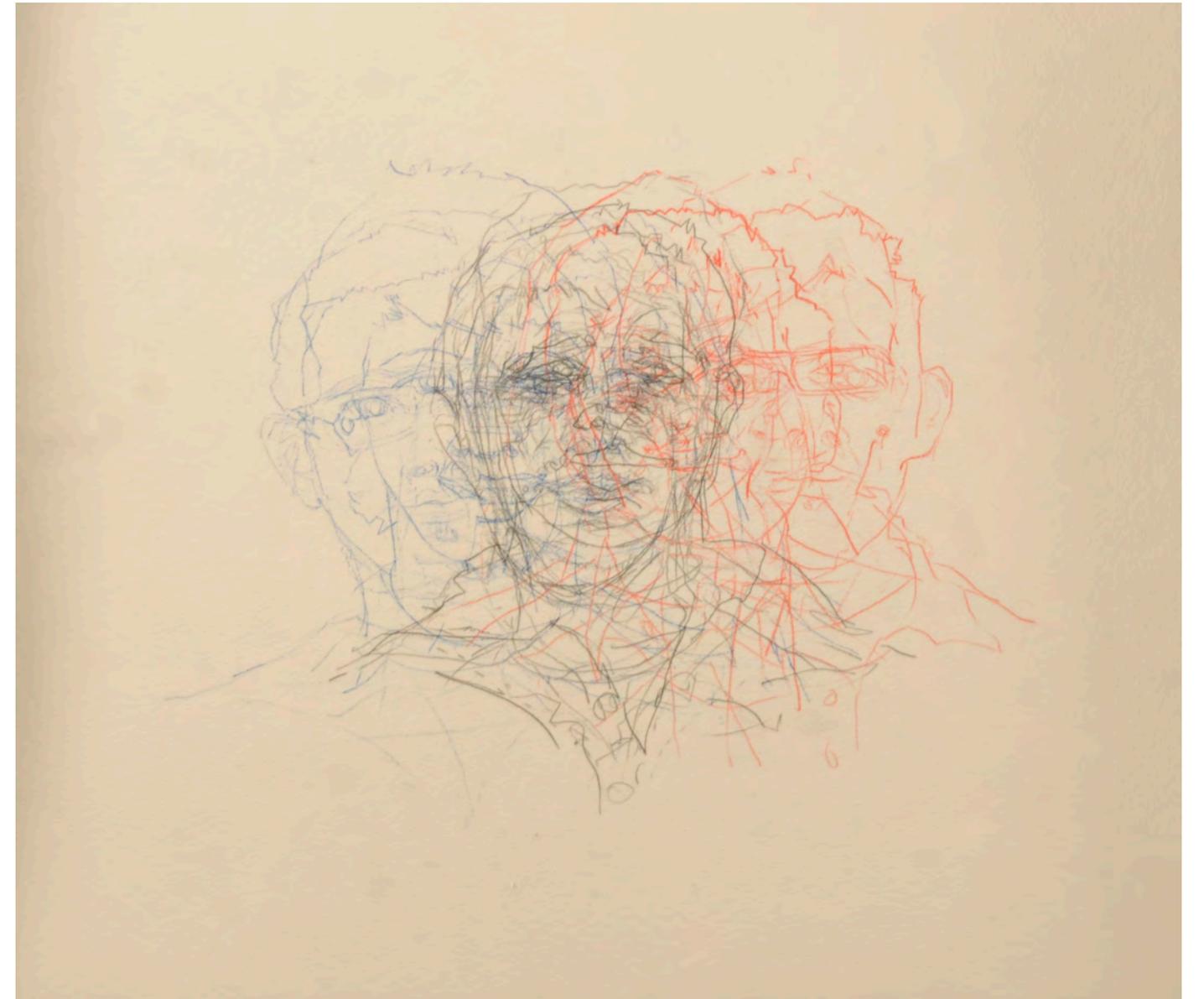
Tomás González Justicia
El despertar VIII
Acrílico sobre tabla
0,47 x 0,80
2010



Joaquín Radío Lalanne
Sombra mala
Óleo sobre tela
1,00 x 1,20
2010



Juan Antonio Soria
Estudio para rostros de la masa VIII
Lápices de colores sobre papel
0,40 x 0,40
2010



Expansión agresiva

Sobre la obra Expansión agresiva, del pintor Daniel Franca

Los amigos dejan de hablarnos; el deseo sexual se descompone, las casas se arruinan. Y en el momento en que nos volvemos conscientes de esta caducidad humana tenemos que abandonar lo que estemos haciendo, cruzar las estancias, cerrar la puerta con cerrojo y sentarnos en un lugar de tristeza y frío que es la esencia inmutable de todo.

Héctor F. Pascual Álvarez



**PROMOCIÓN
2010-2011**

Fundación Antonio Gala
para jóvenes creadores

Antonio Barahona

Solería

Óleo sobre tela

1,80 x 1,80

2011



Carmen Fonseca
Programa de distorsión
Óleo, acrílico y serigrafía sobre tabla
1,20 x 1,20
2011



Daniel Franca
Expansión agresiva
Óleo sobre lienzo
1,00 x 0,50
2011



Lara Pintos
Reina
Técnica mixta sobre lienzo
1,00 x 0,81
2010



José E. Porras
Piedra de polvo
Grafito sobre madera
1,20 x 1,20
2011





jóvenes creadores

I Promoción 2002-2003

Artes Plásticas

Alexis Amador
Claudia P. Catalán
Cristina Megía
Lander Calveche
María Cruces
Ramón David Morales
Rocío Cano

Literatura

Ana Teja de Juana
Gonzalo Escarpa
Juan Manuel Gil
Juan Manuel Martín Rivas
Paul M. Viejo
Víctor de la Nuez

Música

Mario Alcaraz
Noelia Reverte

II Promoción 2003-2004

Arquitectura

Marina Diez-Cascón

Artes Plásticas

Irma Álvarez-Laviada
Jesús Pedraza
Jesús Rubio
Maku
Paco Montañés
Torregar

Literatura

Alba Martín Gómez
Antonio Rojano
Cristian S. Crusat
Javier Vela
José Martínez Ros
Paula Cifuentes
Tacha Romero

Música

Alberto Guerrero
Damián Martín Gil
David García Díaz

III Promoción 2004-2005

Artes Plásticas

Álvaro Díaz-Palacios
Didac Pla
Guillermo Mora
Juan Antonio Baños
Juan Carlos Martínez
Miguel Ángel Moreno
Pedro Quesada
Sara Murado

Fotografía

Juan Ude

Literatura

Alberto de la Rocha
Ben Clark
Irene Brea
Javier Serena
Javier Siedlecki
María Zaragoza
Tania Padilla

Música

Estefan Gisbert

IV Promoción 2005-2006

Artes Plásticas

Alberto Meseguer García
David Calderón
David Escalona
Eduardo Martínez
Francisco Buenavida
Gloria Martín
Helena Basagañas
Marina Rodríguez Vargas
Rodrigo Loyola Guizar
Rubén Rodrigo

Literatura

Ángela Álvarez Sáez
David de Juan Marcos
Verónica Aranda

Música

Ali Jorge Arango Marcano
Andrés Levell
David Montañés
Gabriel Botta
María Dolores Romero Ortíz
Roberto Nieva

V Promoción 2006-2007

Artes Plásticas

Adelaida Campaña Ortega
Ángel Raposo González
Belén Cobaleda García-Bernalt
Esther Villaescusa Alonso
Iago Eireos
Luis Erick Miraval Gómez
Raúl Valero Barrios
Rosa de Miguelsanz del Álamo

Literatura

Aixa De La Cruz
Antonio José Gómez Cruz
Cristina Núñez Pereira
Enrique Olmos de Ita
Laura Romera Guereca
Sofía Castaño

Música

Aylenmis Almeida Ruano
David Torrico
Guillermo Fernández
Oliver Rappoport Bianchi
Rafael Murillo Rosado

VI Promoción 2007-2008

Artes Plásticas

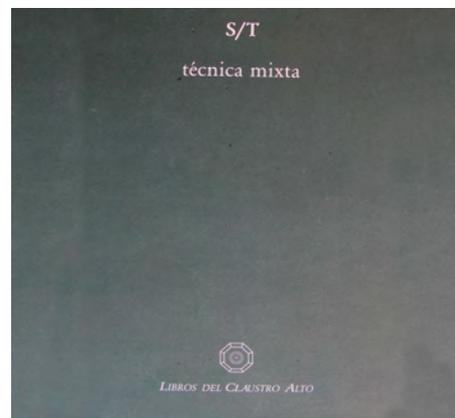
Domingo Martínez Rosario
Gorka García Herrera
Javier de la Rosa
Marta Cuezva Porras
Paloma Montes López
Santiago Paulós
Verónica López Capel

Fotografía

David Villalba Díaz
Literatura
Alejandro Ricaño
Cristina García Morales
David Leo García
Javier Vicedo Alós
Jesús Lozano Fernández
Juan Gómez Bárcena

Música

Jesús Delgado
José Pablo Polo



VII Promoción 2008-2009

Artes Plásticas

Ana Moya
César Orrico Méndez
Fernando Motilla Zarur
Gema Rupérez Alonso
Julen Araluce Hernando
María Mesa Sánchez
Taro Tokuyama

Fotografía

Pablo Vara

Literatura

Antonio Santo Orcero
Irene Bohoyo Moreno
Joel Flores
Nabor Raposo

Música

Iñaki Ochoa Moreno
Xabier Mariño Álvarez

VIII Promoción 2009-2010

Artes Plásticas

Helí García Martínez
Ildefonso Cecilia Pérez
Joaquín Radío Lalanne
Juan Antonio Soria
Julián Pacomio González
Rocío Gilabert García
Tomás González Justicia

Fotografía

Francisco Cuéllar Santiago

Investigación

Víctor Hugo Borja Acosta

Literatura

Alejandro Díaz del Pino
Danner González-Bravo
Israel Pintor Morales
Mario Nicolás Egido Martín
Salvador Blanco Luque

IX Promoción 2010-2011

Artes Plásticas

Al Fernández
Ana Bidart
Antonio Barahona
Carmen Fonseca
Daniel Franca Camacho
José Enrique Porras Gómez
Lara Pintos

Literatura

Alejandro Morellón
Héctor F. Pascual Álvarez
María Lillo Felis
María Sevilla Gutiérrez
Matías Candeira
Rodrigo Márquez Tizano
Salvador J. Tamayo Chica

